



REVISTA MORDOMO DINÂMICO 2002

1-DÍZIMO, UMA FERRAMENTA PARA O DISCIPULADO

2-ANTES DE DEVOLVER O DÍZIMO

3-ADOTE A MULTIPLICAÇÃO

4-EM BUSCA DO PRESENTE CERTO

5-VOLTEMOS A BETEL

6-TUDO ISTO, MAIS UM SALÁRIO

7-INTERRUPÇÕES: ESTORVO OU OPORTUNIDADE?

8-PARA QUEM VOCÊ TRABALHA?

9-RESOLUÇÃO DE CONFLITO

1

DÍZIMO, UMA FERRAMENTA PARA O DISCIPULADO

TOPO

Benjamim C. Maxson, *Diretor*
Departamento de Mordomia da
Associação Geral

Muito do debate contemporâneo a respeito do dízimo concentra-se em questões limitadas. Devemos devolver o dízimo? Onde devemos devolvê-lo? Por que devemos fazê-lo? Essa discussão, na verdade, ignora a verdadeira questão: Por que Deus estabeleceu o sistema de dízimos? Teria o dízimo outro propósito além de pagar as despesas da igreja? Podemos compreender o dízimo de forma a recebermos ajuda em nosso caminhar com Deus?

A história de Abraão e Melquisedeque (Gênesis 14:20) é a primeira referência ao dízimo. O segundo exemplo aparece quando Jacó assume o compromisso de devolver o dízimo em resposta às bênçãos de Deus (Gênesis 28:22). Nenhum desses exemplos são resposta a uma nova ordem de Deus. São apenas a continuidade do estilo normal de culto por eles praticados. Por meio dos dízimos esses homens reconheciam o en-

volvimento de Deus no aspecto material de sua vida. Não estavam sustentando a igreja – não havia igreja. Estavam simplesmente adorando a Deus.

Posteriormente, quando Deus deu a Israel instrução direta a respeito do dízimo, foi novamente no contexto do culto. Deviam oferecer seus dízimos e ofertas no santuário – o lugar de habitação do nome de Deus (Deuteronômio 12:5-6,11). Deus recebeu o dízimo e usou-o para sustentar o ministério do santuário realizado pelos sacerdotes e levitas.

Ao continuarmos estudando o registro bíblico, encontramos o dízimo relacionado com o chamado ao reavivamento (II Crônicas 31; Neemias 12-13; e Malaquias 3). O motivo verdadeiro é sempre o culto – a forma como reconhecemos nosso relacionamento com Deus como o Proprietário e Redentor.

Contudo, um dos pontos mais importantes para a compreensão dos motivos de Deus para o dízimo encontra-se no que Jesus disse em Mateus 6:25-34. Ele coloca o dinheiro e os bens materiais em direta competição com Deus em nossa vida. Ele nos confronta com a escolha de a quem iremos servir e de como iremos servi-Lo. É interessante notar que o contexto fala das necessidades básicas da vida, não do luxo. A vida *focalizada* na provisão das meras necessidades de alimento e vestuário é identificada como pagã. Em vez desse enfoque, Jesus nos desafia a: “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (v. 33).

Embora isso não apareça no contexto imediato de Mateus 6, o dízimo é uma das principais ferramentas de Deus em nossa “jornada como discípulos” para nos ajudar a focalizarmo-nos nEle, enquanto lidamos com o mundo material. Ao devolvermos o dízimo, colocamos a Deus em primeiro lugar. Reconhecemo-Lo como o Proprietário de tudo o que temos em nossas mãos. Admitimos que somos mordomos – administradores. Portanto necessitamos explorar formas de melhorar nosso culto ao devolvermos o dízimo. Há muito que podemos fazer para melhorar nossa atitude de culto.

Passo 1: Aceitar Nosso Relacionamento com Deus

Devemos reconhecer que o verdadeiro culto pode apenas brotar do coração sintonizado com Deus. Assim, o primeiro passo é aceitar nosso relacionamento com Deus. Ele inicia com a confissão de nossos pecados, aceitação do perdão e regozijo pela vida eterna. Entramos então em novo relacionamento com Jesus e, quando devolvemos o dízimo, podemos afirmar nossa salvação em Cristo e celebrá-Lo como nosso Redentor. Essa redenção restabelece a posse que Ele tem de nossa vida.

Passo 2: Aceitar a Deus como o Criador

O segundo passo para tornar nosso dízimo objeto de culto é aceitar a Deus como nosso Criador. Como tal, Ele pode também recriar-nos e dar-nos nova vida. Como Criador, atende a todas as nossas necessidades. Reconhecemos isso ao adorá-Lo e colocá-Lo em primeiro lugar quando devolvemos o dízimo. Ao buscarmos Seu reino e a Sua justiça

em primeiro lugar, escolhemos viver uma nova vida. Nesse sentido, o dízimo é uma ferramenta que nos ajuda a mudar nossas prioridades.

Passo 3: Submeter nosso domínio e aceitar o dEle

O dízimo é atitude de culto quando quem o devolve aceita a realidade de que Deus é o proprietário. Esse é o próximo passo. Escolhemos submeter a Deus nosso domínio e aceitamos o dEle. Significa que reconhecemos que tudo o que temos em nossas mãos pertence a Deus. Somos apenas administradores. Adoramos a Deus com nosso dízimo a fim de sermos lembrados de que tudo, realmente, pertence a Ele – a fim de sermos ajudados a administrar os 100% para Sua honra e glória. Dessa forma aceitamos nossa responsabilidade de cuidarmos atentamente de todas as dádivas que Ele nos confiou.

Passo 4: Reconhecer o cuidado, orientação e amor de Deus

Também fazemos do dízimo um ato de culto a Deus quando reconhecemos Seu cuidado, orientação e amor por nós. O dízimo que devolvemos a Deus faz-nos lembrar de que Ele cuida de nós – de que está intimamente envolvido em todos os detalhes de nossa vida. Antes de devolvermos o dízimo, Ele já proveu todas as nossas necessidades diárias. Apresentamos-Lhe nosso dízimo com coração agradecido, reconhecendo as copiosas bênçãos a nós concedidas, visto que apenas podemos devolver o dízimo se já tivermos recebido as Suas bênçãos.

Passo 5: Aceitar que Devemos Ser Santos Diante de Deus

O dízimo, como atitude de culto, também provê oportunidade de aceitarmos a ordem de sermos santos diante de Deus (ver Levítico 20:26). Visto que Ele é o proprietário e que somos Sua propriedade, somos santos – separados para Seu uso especial. Ao devolvermos o dízimo podemos reconhecer que pertencemos totalmente a Ele. Portanto, nosso dízimo passa a ser uma confissão de que também fomos “separados” para Deus.

Passo 6: Reconsagrar Nossa Vida a Deus

Quando aceitamos o dízimo como algo santo, pertencente a Deus, reconhecemos a nossa bênção em lidar com o que é santo. Para que isso seja feito corretamente, devemos trazer nosso dízimo a Ele no contexto de nosso caminhar diário com o Senhor. Assim o dízimo passa ser a oportunidade de nos reconsagrarmos totalmente a Ele. Podemos regozijar-nos na realidade de nossa salvação e aceitação em Cristo. Podemos aceitar nossa nova vida nEle. Podemos celebrar a bondade de Deus ao cuidar de nós no mundo material e assim reconhecer que Ele também tem cuidado de nós no mundo espiritual. O dízimo se torna testemunho a Deus e a nosso coração de que O aceitamos e adoramos em nossa vida diária como discípulos.

Um menino de treze anos, em uma das ilhas do Sul do Pacífico, demonstrou essa atitude de culto. Trouxe um grande peixe que havia pescado e disse ao ancião local que essa era o seu dízimo e então perguntou como deveria proceder com o peixe. O ancião lhe explicou o que

fazer e felicitou-o por haver pescado dez peixes. O menino respondeu: “Ainda não! Este foi o primeiro que pesquei. Os outros continuam no mar e estou indo pescá-los agora”.

Verdadeiramente, o dízimo nos provê uma ferramenta para nos adular a adorar a Deus, colocando-O em primeiro lugar em nossa vida diária. O dízimo é o reconhecimento tangível de nosso crescente relacionamento com o Senhor.

[Extraído da revista *DYNAMIC Steward*, julho-setembro de 2002, págs. 4-5.]

2

ANTES DE DEVOLVER O DÍZIMO

TOPO

Randy Alcorn, *Diretor*
Eternal Perspective Ministries

Ligação Fundamental

Quinze por cento de tudo que Jesus disse estava relacionado com o dinheiro e as posses. Nosso Senhor fez mais referências ao dinheiro e às poses do que à oração e à fé. Falou mais a respeito do dinheiro e das possas do que a respeito do céu e inferno combinados.

Por quê? Porque a Escritura deixa claro que há uma ligação fundamental entre a vida espiritual da pessoa e suas atitudes e ações em relação ao dinheiro e às posses. Embora sempre separemos os dois, Cristo os vê como essencialmente relacionados um com o outro. Em Lucas 19:1-10, o coletor de impostos, Zaqueu, diz a Jesus que irá devolver quatro vezes mais e dar metade de seus bens aos pobres. Jesus responde: “Hoje, houve salvação nesta casa”. Como Jesus julgou essa mu-

www.4tons.com.br
Pr. Marcelo Augusto de Carvalho

dança fundamental no coração de Zaqueu? Pela mudança fundamental em suas atitudes e ações referentes ao dinheiro e às posses; mudanças que não lhe compraram a salvação, mas a demonstraram.

Atitude Revelada

Em Mateus 19:16-26, lemos a respeito do jovem rico, um correlato de Zaqueu. Jesus sabia que o que o estava mantendo afastado de Deus era seu apego ao dinheiro e às posses. Portanto, Jesus disse: "...vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me". Tristemente o homem respondeu "não". Cristo fala do quão difícil é para um rico entrar no reino do céu. Ele sabe que esse homem não está salvo; não foi transformado. Qual é Seu fundamento para essa conclusão? As atitudes e atos desse jovem para com o dinheiro e as posses não mudaram.

A Devida Perspectiva

Há duas descrições da igreja primitiva em Atos 2:44-45 e em Atos 4:32-35 que também oferecem luz quanto à devida perspectiva que o crente deve ter com relação às posses. Essas passagens apresentam apenas o núcleo espiritual mais essencial da igreja, incluindo os ensinamentos bíblicos, o companheirismo, a comunhão e a oração. Lemos:

"E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos.

Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (Atos 2:42-47).

E, *“Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum. Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. Pois nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e depositavam aos pés dos apóstolos; então, se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade” (Atos 4:32-35).*

Mudança Radical

Apenas a atuação profunda de Deus poderia provocar a mudança radical nesses novos crentes, quer por sua atitude e ações para com o dinheiro e as posses. A oferta desprendida, o dinheiro e as pessoas dadas, a venda de propriedades para o bem dos outros não são apenas sinais de indivíduos com a devida perspectiva a respeito do dízimo/oferta, mas esse comportamento é o alimento para os especialistas em “crescimento da igreja”. Vale a pena notar o crescimento registrado aqui.

Em outra parte de Atos 19:18-20, lemos a respeito dos efésios ocultistas que passaram a crer em Cristo. Embora tivessem livros de mágicas que eram extremamente raros e valiosos, eles os queimaram. Novamente, uma prova da mudança ocorrida no coração quando a pessoa desenvolve a devida compreensão do dízimo/oferta, ou seja, o resultado da decisão que transforma a vida e que nos leva a crer e a confiar em Jesus Cristo.

Há outras histórias. Em Marcos 12, lemos a respeito da viúva pobre que deu tudo. Essa foi a demonstração de sua devoção e confiança em Deus, visto que sua verdadeira condição espiritual era sua atitude e sua ação referente ao dinheiro e às posses. Contraste essa história com a do rico insensato em Lucas 12. Ele construiu seu próprio reino. Economizou tudo para o dia da aposentadoria, mas para gastar consigo mesmo. A Escritura refere-se a ele como insensato, pois morreria naquela noite. A evidência de sua falta de condição espiritual foi o ser rico para si mesmo e não para com Deus. Novamente, o que revelou sua verdadeira condição espiritual foi sua atitude e ações referentes ao dinheiro e às posses.

Dois Tesouros?

Mateus 6:19-25 é a passagem-chave para a compreensão do desafio que enfrentamos. Não podemos ter dois “tesouros” – um no céu e outro na Terra. Lemos: “porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (v. 21). Onde quer que coloquemos nossos ganhos, desenvolvemos um interesse fixo por ele. O ideal é que nossos tesouros

estejam onde está o nosso coração. Portanto, se o nosso coração for transformado, o local onde depositaremos nosso dinheiro irá mudar. Mas isso funciona de outra forma também; nosso coração seguirá onde colocamos nosso dinheiro.

Se o seu tesouro é a casa, propriedades, carros, barcos e equipamentos eletrônicos, onde está seu coração? Seu coração está onde você coloca o seu dinheiro. Você deseja que seu coração esteja onde está Deus? Há uma solução simples: entregue seu tesouro a Deus. Desenvolva interesse fixo por Seu reino. Você tem o desejo de se envolver mais na igreja? Então participe mais. Invista a si mesmo nos negócios da igreja. É assim que você concretiza esses desejos.

O Tesouro Encontrado

Você deseja possuir coração voltado para a missão? Então deposite seu dinheiro nas missões. Como pastor, atuando há muitos anos, senti que não tinha o interesse que deveria ter pelas missões. Então comecei a contribuir cada vez mais nesse sentido. Adivinhe o que aconteceu? Jesus estava certo. Meu coração seguiu meu tesouro. Da mesma forma que a pessoa passa a se interessar pela IBM, Apple ou General Motors ao investir seu dinheiro nas ações dessas empresas, ela obtém profundo interesse no reino de Deus ao começar a investir aí. Dois tesouros, duas perspectivas, dois senhores. Escolha o seu.

[Extraído da revista *DYNAMIC Steward*, julho-setembro de 2002, págs. 6-7.]

3

ADOTE A MULTIPLICAÇÃO

TOPO

George Muller, visionário alemão, sentiu-se chamado por Deus para abrir um orfanato para crianças necessitadas em Bristol, Inglaterra. Quando Deus o chamou a assumir essa tarefa desafiante Muller não tinha dinheiro, alimento para alimentar os órfãos famintos e não tinha terreno onde construir o orfanato. Tinha apenas um bem precioso – fé na disposição de Deus de responder à oração e em Sua capacidade de suprir as necessidades de Seus filhos. Ele foi guiado e animado pela promessa bíblica: “pedi e recebereis” (João 16:24).

Apegando-se à promessa imutável de Deus, Muller orou. Creu que Deus podia fazer grandes coisas. Orou pedindo o terreno e Deus proveu. Orou pedindo dinheiro para construir o orfanato, e foi atendido. Muller, em pouco tempo tinha mil órfãos aos seus cuidados.

Era uma tarefa imensa prover o alimento, roupas e as demais necessidades para essas crianças. O que dificultava ainda mais era a prática de Muller de nunca revelar suas necessidades, mas crer que se oras-

se a Deus, Ele iria impressionar alguém para suprir a necessidade específica. Que fé inacreditável!

Em seu diário de oração, Muller narra um episódio quando não havia alimento para o jejum. Pediu às crianças para se assentarem em seus lugares à mesa e confiantemente agradeceu a Deus por prover-lhes um jejum saudável. No final da oração, fortes batidas à porta anunciaram a chegada de um padeiro pedindo desculpas e com a carroça cheia de pão fresco!

De acordo com Miller, seu ministério no cuidado com os órfãos era secundário. Ele confessou que o motivo principal de envolver-se nesse ministério era prover à geração moderna e descrente a certeza de que Deus pode suprir nossas necessidades diárias em resposta à oração, se tivermos fé e obedecermos à Sua vontade.

Quando Jesus olhou para o túnel do tempo, até a última geração, perguntou em voz alta: “Quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?” (Lucas 18:8) Embora predominasse a descrença nos dias de Jesus, Ele predisse com exatidão que haveria uma alarmante falta de fé nos últimos dias da história da Terra.

Uma Crise de Fé

Um pai trouxe a Jesus seu filho possuído pelo demônio e rogou-Lhe que o curasse, mas não cria plenamente que Jesus pudesse fazê-lo. No diálogo com o Salvador ele introduziu um elemento de dúvida. Jesus

censurou-o por sua descrença e o homem clamou: “Ajuda-me na minha falta de fé!” (Marcos 9:24) Assim como Abraão na saga a respeito de Hagar e Ismael, nem sempre cremos que podemos confiar que Deus cumprirá Sua promessa a nós. Embora, repetidas vezes, tenha dito que suprirá nossas necessidades, somos contaminados pelo grande pecado de sermos independentes e de tentarmos ser auto-suficientes.

Limitamos nosso pensamento ao processo aritmético da subtração, esquecendo que nosso Deus é especialista na multiplicação! Raciocinamos que se dermos, teremos menos. Não conseguimos confiar que Ele suprirá nossas necessidades quando O colocamos em primeiro lugar. Quantas bênçãos perdemos porque nos apegamos às nossas ninharias!

Deus nos chama para devolver-lhe com a confiança semelhante à de uma criança. Ele nos desafia a cremos que Ele é capaz de fazer tudo o que prometeu. “A ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!” (Efésios 3:21).

A Bíblia registra histórias de santos fiéis e as bênçãos resultantes de sua fidelidade. A história da viúva de Sarepta é uma delas. Sua fidelidade exemplar é citada pelo Mestre em Seu poderoso sermão. “Na verdade vos digo que muitas viúvas havia em Israel ... e a nenhuma delas foi Elias enviado, senão a uma viúva de Sarepta de Sidom” (Lucas 4:25:26). O fato de que essa mulher nem mesmo era israelita elevá-a nas crônicas da fé. Jesus destacou-a como objeto de lição a respeito da fidelidade.

A Bênção da Mordomia Fiel

A viúva de Sarepta olhava em vão para o céu em busca de algum sinal de chuva. Seu coração estava triste ao perceber os primeiros sinais de inanição em seu filho. Certa manhã, seus temores começaram a se concretizar. Havia farinha e azeite apenas para preparar mais uma refeição. Ela continuou esperando que algum milagre pudesse mudar sua situação impossível, mas os deuses de Sidom eram imprevisíveis e não confiáveis. Assim, com o coração pesaroso, saiu para recolher alguns gravetos para preparar a última refeição.

Enquanto estava perdida em seus pensamentos, um estranho usando roupas surradas pela viagem pede-lhe água para beber. Dar água a um estranho não era problema. Não ameaçava a sua subsistência, mas ao ela entrar para pegar a água para o profeta Elias, ele a deteve abruptamente e pediu-lhe que também lhe trouxesse pão.

Elias havia se dirigido a ela mediante ordens expressas de Deus. Depois de dar a mensagem devastadora a Acabe, Deus ordenou que Elias se escondesse junto ao ribeiro de Querite. Enquanto estava ali escondido, fiel à promessa de Deus: “Os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer; e bebia da torrente” (I Reis 17:6).

Quando o ribeiro secou, Deus disse a Elias: “Dispõe-te, e vai a Sarepta, que pertence a Sidom, e demora-te ali, onde ordenei a uma mulher viúva que te dê comida” (vs. 9, 10).

O Pedido Impossível

E agora Elias pede o impossível e a viúva procura explicar sua situação. Deus não enviou Elias a alguém abastado, mas a uma pobre viúva. Essa é a censura a nós que desculpamos nossa recusa de dar a Deus sob o pretexto de que estamos passando por tremendas dificuldades financeiras.

“Porém ela respondeu: Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vê aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos” (v. 12). Pelo emprego da terminologia “Tão certo como vive o Senhor”, ela está fazendo um juramento de que está dizendo a verdade. O que a viúva expressa é a realidade de sua situação. Ela ainda está raciocinando pela aritmética da subtração.

“Elias lhe disse: Não temas; vai e faze o que disseste; mas primeiro faze dele para mim um bolo pequeno e traze-mo aqui fora; depois, farás para ti mesma e para teu filho. Porque assim diz o SENHOR, Deus de Israel: A farinha da tua panela não se acabará, e o azeite da tua botija não faltará, até ao dia em que o SENHOR fizer chover sobre a terra” (vs. 13, 14).

Mediante as palavras de Elias, a viúva começou a perceber a limitação de sua subtração aritmética e decidiu acatar a aritmética de multipli-

cação de Deus. De fato viu a proposta de Deus como a resposta à sua situação desesperadora.

O diagnóstico de Elias quanto à viúva se aplica a nós. Um dos muitos motivos porque não devolvemos nossos dízimos e ofertas é o fato de estarmos paralisados pelo temor. Ainda aceitamos a aritmética da subtração. Estamos convencidos de que se dermos o dízimo e as ofertas, certamente passaremos por dificuldades financeiras, porque mal temos o suficiente para sobreviver. Ao analisarmos nossas despesas e as compararmos com nossa baixa renda, somos tomados pelo temor. Quando um “profeta” vem e desafia-nos a colocarmos a Deus em primeiro lugar, questionamos como iremos sobreviver! Necessitamos lançar fora nosso temor e, pela fé, pedir a Deus que bondosamente nos ajude a nos afastarmos da aritmética da subtração mundana e temporal e a aceitarmos a aritmética da multiplicação celestial e eterna.

A Aritmética da Multiplicação

Quando a viúva tomou a decisão de colocar Deus em primeiro lugar, experimentou três bênçãos:

1. A primeira bênção que experimentou foi a provisão diária de alimento para si e para sua família: “Foi ela e fez segundo a palavra de Elias; assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias. Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou, segundo a palavra do SENHOR, por intermédio de Elias” (vs. 15, 16). Quando ela pôs Deus em primeiro lugar, Ele multiplicou-lhe

os poucos recursos. Ao escolher perder a vida em favor de Deus, sua vida foi sustida.

2. A segunda bênção que recebeu foi a ressurreição miraculosa de seu filho. Deus realizou um milagre raro em recompensa à sua fidelidade.
3. A maior de todas as bênçãos foi sua conscientização do Deus de Israel. As palavras da viúva a Elias revelam essa experiência: “Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do SENHOR na tua boca é verdade” (v. 24). Conhecer a Deus por experiência própria é a maior bênção que pode ser concedida ao ser humano. Jesus disse: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3).

As bênçãos foram derramadas porque a viúva decidiu colocar a Deus em primeiro lugar. À sua maneira, ela atendeu às palavras de Jesus: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mateus 6:33). Assim como a viúva, Deus irá nos abençoar de forma que transcende a nossa imaginação. Iremos persistir na tacanha aritmética da subtração ou iremos adotar a nova aritmética da multiplicação que nos inicia na gloriosa aventura com Deus?

Kigundi Ndwiga

Mordomio - DAO

4

EM BUSCA DO PRESENTE CERTO

TOPO

*Dr. Ed Wright, Pastor da
IASD de Collegedale
Collegedale, Tennessee*

O Significado dos Presentes

Natal e presentes andam juntos! Os presentes podem ter muitos significados diferentes. Recebi um presente no meu 50º aniversário que estou certo foi uma brincadeira. Era o estojo de uma dentadura de plástico. Um amigo *realmente* faria algo assim? Alguns presentes são mais uma troca de cortesia, o tipo de coisa que você se sente obrigado a fazer. Talvez você esteja comprando algo para algum conhecido – alguém que não lhe diz muito, com quem você não passa seu tempo ou gasta seu dinheiro. Porém isso é esperado de você e como deseja ser aceito, faz o que se espera que faça.

Meu desejo é que durante as festividades do Natal sejamos motivados pelo amor. Em minha casa tenho ouvido alguns cochichos e visto alguns espreitando aqui e ali. As surpresas são divertidas! Quando se trata de alguém com quem você se importa, você gasta muito tempo e energia simplesmente para encontrar o presente certo.

Bem o que presentes têm que ver com o Natal? É apenas produto da história de Papai Noel e do trenó com as oito renas? É o mito folclórico que associa o Natal aos presentes? Alguns de vocês dirão “não”. Realmente existiu o Santo Nicolau, um padre que viveu alguns séculos atrás e que tentou personificar Jesus Cristo ao dar aos outros. Mas o que isso tem que ver com o Natal?

Estrangeiros

Dar é parte da história do Natal. Se você ler o capítulo 2 de Mateus, terá o panorama. Mateus 1 incluiu a genealogia. Houve um breve diálogo entre o anjo e José, mas não são dados muitos detalhes. Esperávamos que o capítulo 2 fosse iniciar com o nascimento de Jesus, mas lemos: “Tendo Jesus nascido” (v. 1). O propósito de Mateus não foi descrever o nascimento de Cristo. Ele simplesmente diz: “Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia ... eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém. E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo” (vs 1, 2). Não há detalhes do que aconteceu naquela noite importante. Antes, Mateus se apressa em apresentar a viagem dessas pessoas curiosas chamadas de magos.

“Mago” não é uma palavra comum em nossos dias. Há muito folclore em torno dessas pessoas, mas pouca informação sólida. Não sabemos se eram reis ou se de fato eram três. Não nos é dito exatamente de onde vieram, salvo que do Oriente. Não sabemos seus nomes. A verdade é que há pouca informação. Então, o que de fato sabemos? Bem, os magos eram considerados santos. Estudavam vários dos escritos sagrados, conheciam astronomia e também investigavam a astrologia. Criam que no nascimento da pessoa, seu futuro poderia ser predito pela posição das estrelas. Criam em muitas coisas incomuns e talvez até mesmo estavam envolvidos com um pouco de espiritismo. Os magos se envolviam em certas práticas estranhas o que levava os judeus considerá-los detestáveis. Eles estavam na categoria das prostitutas e dos libertinos! O fato de considerar que os magos estiveram envolvidos no nascimento de Jesus era algo esmagador. Abalava o mundo desses judeus!

Mateus é muito claro. São os proscritos que desempenham papel central no reconhecimento de quem era Jesus. Não há proscritos com Jesus, e Ele afirma isso várias vezes. Simplesmente sabemos que os magos vieram do Oriente. Poderia ter sido Moabe, distante 65 a 80 km. Eufrates, a 640 km de distância; ou Pérsia, cerca de 1.900 km. Não estamos seguros se vieram montados em camelos, mas se assim foi, devem ter levado três a quatro meses de viagem para percorrer esses 1.900 km. E se eles caminharam durante todo um ano! É por isso que Mateus diz: “Tendo Jesus nascido”. Provavelmente, a família já havia se mudado do estábulo para um lugar mais definitivo, mas não deixaram Belém. Isso é significativo. Não voltaram para Nazaré, mas permaneceram lá pelos eventos importantes – talvez como esse.

Mais do que Pressentimento

E os magos perguntaram: “Onde está o recém-nascido Rei dos judeus?” (v. 2). O que eles sabiam a respeito desse rei importante não é revelado. Alguns se perguntam se eles tinham uma cópia do Antigo Testamento. É possível, pois os judeus estiveram exilados na Pérsia por centenas de anos. Qualquer que tenha sido a fonte, estavam suficientemente convencidos para deixarem sua casa, aprontarem os camelos e perseguirem muito mais do que um pressentimento. Não se tratava apenas de algo mais ou menos assim: “Bem, o que você acha? Devemos aparecer simplesmente, sem termos sido convidados?” Eles investiram montantes incríveis de tempo e energia e dinheiro para investigar. Estavam sob a convicção divina! O mesmo Deus que posteriormente lhes disse que tomassem outro caminho para retornarem para casa, estava lhes dizendo que havia algo que deveriam ver. Eles seguiram a estrela e disseram “viemos para adorá-lo”. Sabiam que não se tratava de um bebê comum. Devia pertencer à realeza. Não, melhor, devia ser uma deidade; pois vieram para adorá-Lo.

Nos versos 9 em diante lemos: “Depois de ouvirem o rei, partiram; e eis que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino”. Note, ele já não era um bebê, era um menino. “E, vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo. Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra”. Presentes. É aqui onde os presentes na-

talinos têm sua origem – na história bíblica do Natal. Esse é o âmago da história. Eles não fizeram simplesmente a viagem. Vieram preparados.

Todos Tinham Algo a Oferecer

Dar presentes era uma prática esperada naquele tempo e lugar. Em II Crônicas a Rainha de Sabá visita Salomão. Note II Crônicas 9:1: “Tendo a rainha de Sabá ouvido a fama de Salomão, veio a Jerusalém ... com mui grande comitiva; com camelos carregados de especiarias, de ouro em abundância e pedras preciosas” Ela sabia o que era esperado. Você levava presentes à realeza!

Nos versos 22-23: “Assim, o rei Salomão excedeu a todos os reis do mundo, tanto em riqueza como em sabedoria. Todos os reis do mundo procuravam ir ter com ele para ouvir a sabedoria que Deus lhe pusera no coração. Cada um trazia o seu presente, objetos de prata e de ouro, roupas, armaduras, especiarias, cavalos e mulas; assim ano após ano”. Interessante. Todos traziam presentes. Permita-me lembrar-lhe de outra experiência do Antigo Testamento – o ritual ou parte quotidiana da vida judaica – o santuário do Antigo Testamento. Cada adorador era convidado a trazer um sacrifício. Dependendo das posses do adorador e do evento, poderia ser uma vaca. Porém, poucas pessoas tinham condições de apresentar essa oferta. A maioria podia trazer um cordeiro ou cabrito. Alguns tinham apenas condições de trazer uma pomba ou rolinha. E alguns, nem mesmo isso. A lei do Antigo Testamento permitia ao adorador trazer um punhado de farinha. Todos tinham essa possibilidade. E todos tinham de trazer algo.

No Salmo 96 há uma descrição desse tipo de adoração a Deus – não apenas adoração à realeza – mas a Deus. Salmo 96:8, 9: “Tributai ao SENHOR a glória devida ao seu nome”. Que frase vem a seguir: “trazei oferendas”. “Tributai ao SENHOR a glória devida ao seu nome” faz parte de dar a Ele excelência, honra e glória. “Trazei oferendas e entrai nos seus átrios. Adorai o SENHOR na beleza da sua santidade”, significa que se espera de cada adorador uma oferta.

A Qualquer Preço

Isso não é apelo para a oferta. É o reconhecimento de que os adoradores trazem uma dádiva. Não surpreende que quando os magos finalmente encontraram o menino Jesus, deram-Lhe presentes. Porém, a seqüência é muito importante. Veja Mateus 2. É de tamanha importância que deve informar o que fazemos, não apenas hoje, mas sempre. “Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe” (Mateus 2:11). Passo número um: eles O encontraram. Encontrar a Jesus é fundamental. É o primeiro que devemos fazer. Encontrá-Lo a todo custo. A qualquer preço.

Mas não pára aí. O que acontece em seguida? “Prostrando-se, o adoraram”. Isso é mais do que mera norma. Isso significava aos leitores judeus que Ele era mais do que um simples bebê. Você adora somente a Deus. Somente a Ele. Para esses santos homens, embora estrangeiros, prostrar-se de joelhos, com o rosto em terra e adorarem, era muito significativo! Se você realmente encontrar Jesus, instintivamente irá prostrar-

se e adorá-Lo. Ele é infinitamente maior do que nós e é digno de nossa adoração. Então, primeiro encontramos Jesus, depois nos prostramos e O adoramos.

Por fim, após tê-Lo encontrado e adorado, você deve dar-Lhe seus tesouros. Se você age de forma diferente, dá a impressão de pressão e manipulação. De fato não parece algo bom. Porém, se você primeiro encontrou a Jesus e O adorou, a dádiva é algo natural e instintivo e brota do coração.

Damos presentes – às vezes como brincadeira, algumas vezes como troca de cortesia, algumas vezes como suborno, outras como demonstração de orgulho. Espero que demos como uma expressão de amor. Na devida seqüência, e à devida Pessoa, a oferta é um ato de adoração. E tanto para aqueles magos quanto para nós, o ato de dar é tanto culto quanto o é prostrar-se em adoração e louvor. Devemos continuar buscando a Jesus com todo o nosso coração. Quando O encontramos, devemos nos prostrar e adorá-Lo. Mas devemos também dar-Lhe o mais importante que possuímos, nosso coração.

[Extraído da revista *DYNAMIC Steward*, julho-setembro de 2002, págs. 10-11.]

5

VOLTEMOS A BETEL

TOPO

*William D. Watley, Pastor da
Igreja St. James A.M.E
Newark, New Jersey*

A Saída de Casa

Deve ter sido uma das noites mais solitárias de sua vida. Jacó havia fugido de casa. Ao enfrentar a realidade de sua visão fraca, Isaque começou a pensar cada vez mais em sua morte inevitável. Ele tinha de transferir a liderança da família e dividir sua herança entre seus dois filhos.

Isaque preparou-se para abençoar a Esaú visto ser ele o mais velho. Porém, Rebeca, sua esposa, favoreceu seu filho Jacó e com sucesso conspirou com ele para roubar a bênção que seria dada a Esaú. Quando Esaú descobriu que seu irmão o havia lesado, jurou que ele não viveria para desfrutar as recompensas de sua trapaça. Não importa aonde este-

www.4tons.com.br
Pr. Marcelo Augusto de Carvalho

jamos indo, o caminho para chegar ao destino é tão importante quanto este.

Esaú reconheceu que embora não houvesse nada que pudesse fazer a respeito da perda de sua primogenitura e bênção roubada, ele poderia fazer algo para impedir Jacó de usufruir o que por direito lhe pertencia. Decidiu que quando seu pai morresse, mataria a Jacó. Rebeca entendeu o propósito de Esaú e disse para Jacó fugir o mais rápido e mais distante possível. Orientou-o para ir para a casa de seu tio Labão.

Jacó estava sozinho no meio da noite, fugindo do ódio assassino de seu irmão. Ali estava ele, a quilômetros de seu lar, talvez na primeira jornada longa de sua vida. Quando deixamos nossa casa, a jornada é sempre longa e difícil. Ali estava o neto de Abraão, pai da fé; ali estava o filho de Isaque, cuja vida havia sido poupada devido à fé de seu pai – separado de todos a quem ele conhecia e amava. Ali estava ele, no cume descampado do planalto de Betel, com sua cabeça repousando sobre uma pedra, servindo-lhe de travesseiro. Estava ali deitado, com o coração ardendo e o espírito abatido.

Sozinho, mas não abandonado

Por si mesmo, Jacó descobriu que não estava só. Embora sentindo-se desanimado, descobriu que não fora abandonado. Ali, fora do alcance de Esaú, Jacó descobriu que não estava fora do alcance de Deus. Em sonho, ele viu uma escada que se estendia do céu à terra e pela qual anjos subiam e desciam. O Senhor, que se encontrava ao lado disse a

Jacó que um dia seus descendentes habitariam na terra e no lugar onde ele estava dormindo. Jacó recebeu ainda a certeza de que Deus estaria com ele e um dia o traria de volta.

Ao despertar, Jacó disse: “Na verdade, o SENHOR está neste lugar, e eu não o sabia. ... Quão temível é este lugar! É a Casa de Deus, a porta dos céus” (Gênesis 28:16, 17). Ao amanhecer, Jacó pegou a pedra que lhe servira de travesseiro, fez dela um monumento e derramou óleo sobre ela. Ele chamou o lugar de Betel, que significa “casa de Deus”. Jacó fez um voto dizendo: “Se Deus for comigo, e me guardar nesta jornada que empreendo, e me der pão para comer e roupa que me vista, de maneira que eu volte em paz para a casa de meu pai, então, o SENHOR será o meu Deus; e a pedra, que erigi por coluna, será a Casa de Deus; e, de tudo quanto me concederes, certamente eu te darei o dízimo” (vs. 20-22). Atentemos para alguns aspectos do voto feito por Jacó quanto ao dízimo. Primeiro, o voto de Jacó foi feito enquanto ele estava vagueando como fugitivo. Seu voto foi feito no momento em que estava financeiramente quebrado. O voto baseou-se em sua fé de que Deus lhe proveria os meios para cumpri-lo.

Nunca deveríamos presumir que as pessoas que devolvem o dízimo são necessariamente mais prósperas e não têm dívidas. Nunca deveríamos presumir que aqueles que fazem o voto de devolver o dízimo sabem que serão capazes de cumpri-lo ou sabem como irão fazer a devolução. Nunca deveríamos presumir que as pessoas que devolvem o dízimo têm sua situação financeira planejada. “Se eles tivessem as contas

que tenho para pagar não devolveriam o dízimo”, alguns podem dizer. Como você sabe que eles não têm tantas contas quanto as suas?

Assim como Jacó, muitas pessoas que se comprometem a devolver o dízimo estão com problemas financeiros, na melhor das hipóteses. O voto de Jacó foi o resultado de sua crença na promessa de Deus de que o protegeria e cuidaria dele. A maioria das pessoas que eu conheço faz o voto na mesma base. Votamos na fé de que Deus irá nos ajudar e prover os meios para cumprirmos nosso voto. O apóstolo Paulo nos lembra: “Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos” (Romanos 8:24-25).

Segundo, o voto feito por Jacó foi voluntário. Ele não devolveu o dízimo porque isso fazia parte da lei de Deus naquela época. A primeira pessoa que aparece devolvendo o dízimo no Antigo Testamento é Abraão. Em Gênesis 14:20, Abraão devolveu o dízimo a Melquisedeque, ou seja, um décimo de tudo o que ele possuía como um ato de gratidão a Deus pela vitória alcançada na batalha. Em Gênesis 28, Jacó faz o voto de devolver a Deus um décimo de tudo o que ele tinha. Ambos incidentes ocorreram muitas gerações antes de a lei ser dada a Moisés.

Devolvemos o dízimo porque as Escrituras identificam essa ação como padrão apropriado, uma forma de expressar gratidão e fé. Outros padrões de ofertar destacados nas Escrituras incluem a viúva, que deu duas pequeninas moedas de cobre; Barnabé, que vendeu seu campo e trouxe o dinheiro da venda, depositando-o aos pés dos apóstolos; e Je-

sus, que deu Sua vida. Cada um deles não deu um décimo, mas tudo. Quem deu tudo, ou como Abraão e Jacó que deram um décimo, o fizeram de forma voluntária, como expressão de gratidão e de fé. "... porque Deus ama a quem dá com alegria" (II Coríntios 9:7).

No final do capítulo 28 de Gênesis, vemos Jacó, o jovem sem-teto, fazendo um voto de fé e devolvendo a Deus um décimo. No início do capítulo 35, depois mais de trinta anos, observamos duas coisas. Primeira, Deus cumpriu a promessa feita em Betel; segunda, Jacó não. Desde o dia em que Jacó repousou a cabeça sobre a pedra no meio da noite, ele havia se tornado um homem rico e poderoso. Ele havia se estabelecido em Siquém com sua numerosa família. Ele possuía rebanhos de gado e suas terras eram vastas. Deus cumprira a promessa que lhe fizera, porém, Jacó estava bem estabelecido e se esqueceu da promessa de voltar ao lugar onde Deus o visitou e de construir um altar ali. Esqueceu-se da promessa de devolver a Deus um décimo de tudo o que possuía.

O Altar do Coração

É fácil ficar tão confortável em Siquém que nos esquecemos das promessas feitas em Betel. É por isso que eu creio que agora e posteriormente devemos nos rededicar a Deus. Creio que devemos rever nossa mordomia e rever nosso compromisso de discípulos. É fácil esquecer as promessas feitas quando estávamos amedrontados e desesperados ou quando pela primeira vez sentimos a presença de Cristo e o poder do Espírito Santo.

Porém, embora nossa memória seja curta, a de Deus não. Deus veio a Jacó e disse: “Levanta-te, sobe a Betel e habita ali; faze ali um altar ao Deus que te apareceu quando fugias da presença de Esaú, teu irmão” (Gênesis 35:1). Jacó disse então à sua família e a todos os que com ele viviam: “Lançai fora os deuses estranhos que há no vosso meio, purificai-vos e mudai as vossas vestes; levantemo-nos e subamos a Betel. Farei ali um altar ao Deus que me respondeu no dia da minha angústia e me acompanhou no caminho por onde andei” (vs. 2-3). Não apenas Jacó havia se esquecido de seu voto, mas havia permitido que deuses estranhos fossem infiltrados entre os de sua casa. Quando nos esquecemos de nossas promessas a Deus e das promessas dEle a nós, é fácil sermos minados por deuses estranhos, por doutrinas e idéias estranhas. Quando deixamos de nos lembrar do Deus de Betel, é fácil começar a ceder e a permitir coisas que não deveríamos permitir. Os compromissos incorretos e esquecidos em relação à mordomia produzem discípulos fracos. Quando deixamos de colocar Deus em primeiro lugar em nossos díizimos e ofertas, Ele também deixa de ocupar o primeiro lugar em nossa vida.

Talvez seja esse o motivo para a pobreza da vida espiritual da igreja e para que a nossa mordomia seja tão enfraquecida. Quando a igreja primitiva passava por necessidades, as pessoas se sacrificavam e davam a Deus conforme Ele as fazia prosperar. Em algum momento passamos a crer que necessitamos receber de volta algo que demos e que nada mais era do que as bênçãos que Deus deu e continua a dar. Passamos a vender ingressos, a vender fitas e a realizar shows. Muitos pecados e práticas estranhas têm entrado na vida da igreja por meio de al-

gum tipo de levantamento de fundos. Voltemos a Betel à oferta e mordomia corretas e bíblicas, onde fizemos o voto: “Erigirei um altar no meu coração e darei, pelo menos, um décimo de tudo o Tu me deres”.

Necessitamos não apenas voltar a nosso Betel da mordomia e dízimo bíblicos; necessitamos voltar a outros Beteis de promessas quebradas e de votos esquecidos. Necessitamos voltar a Betel e cumprir o que prometemos. Fomos ensinados a trazer ofertas na igreja e isso com gratidão e fé. Fomos ensinados a respeitar a igreja de Deus, ao pregador e ao povo de Deus.

Talvez, assim como Jacó, estivemos vagando ao redor, perdidos na vida, confusos e solitários, mas a graça de Deus nos encontrou e nos confortou no dia de nossa angústia. Necessitamos encontrar o caminho de volta a Betel.

Quando Jacó voltou a Betel, Deus o encontrou ali e o chamou novamente por seu novo nome, Israel. Quando voltarmos a Betel, Deus nos encontrará ali. Iremos ouvi-Lo falar mais uma vez e receberemos nova visão e novo nome.

[Extraído da revista *DYNAMIC Steward*, julho-setembro de 2002, págs. 12-13.]

6

TUDO ISTO, MAIS UM SALÁRIO

TOPO

Stephen Chavez, *Editor responsável*

Adventist Review

INTRODUÇÃO

Uma das maravilhas das parábolas de Jesus é que elas transmitem muitas verdades em muitos níveis diferentes. A parábola dos trabalhadores na vinha (Mateus 20:1-16) é um exemplo inicial.

Você se lembra da história: Um proprietário saiu cedo de manhã para contratar trabalhadores para a sua vinha. Eles combinaram um salário satisfatório a todos, e cada um foi trabalhar.

Porém, mais tarde naquele dia o proprietário encontra outros trabalhadores que estão dispostos a trabalhar, contrata-os e os envia a sua vinha, prometendo-lhes pagar “o que for justo”. Por duas vezes mais en-

contra desempregados e promete-lhes pagamento mesmo trabalhando apenas umas poucas horas para ele.

Por fim, restando apenas uma hora para terminar os trabalhos, o proprietário sai e encontra mais trabalhadores sem ter o que fazer. Aparentemente, incapaz de deixar pessoas sem fazer nada, ele lhes oferece trabalho e contrata-os prometendo-lhes pagar um salário justo por apenas uma hora de trabalho.

DIÁRIA

Quando chega o momento do pagamento, os trabalhadores fazem uma fila, começando com aqueles que trabalharam por menos horas e findando com os que trabalharam o dia todo. Todos ficam chocados ao ver que aqueles que trabalharam uma hora começam a receber o mesmo salário daqueles que trabalharam doze horas.

Você pode quase ouvir as calculadoras mentais funcionando ao os trabalhadores que trabalharam por mais tempo imaginarem quanto será seu pagamento se receberem o salário de um dia por cada hora trabalhada! Eles raciocinam: “Trabalhamos 12 horas; não temos o direito de receber o correspondente a doze salários?”

Mas para seu total espanto, os que trabalharam por três, seis, nove ou 12 horas receberam o mesmo salário – o mesmo valor do que os que trabalharam apenas uma hora!

Imagine o desapontamento daqueles que trabalharam o dia todo. Caso houvessem recebido o salário de doze dias, havendo trabalhado apenas por um dia, poderiam tirar duas semanas de férias! Poderiam passar tempo com seus familiares, cuidar dos assuntos domésticos, praticar sua atividade física predileta ou fazer um passeio. Porém, tudo o que receberam foi apenas o salário de um dia. Se desejassem receber mais, teriam de trabalhar novamente no dia seguinte.

Então reclamaram: “Estes homens contratados por último trabalharam apenas uma hora”, e prosseguiram: “e o Senhor os igualou a nós, que suportamos o peso do trabalho e o calor do dia” (v. 12).

Então o proprietário gentilmente lembrou-os de que o dinheiro lhe pertencia, como também a vinha e era ele quem estabelecia as regras. Pagou-lhes o que prometera. Visto desejar pagar a todos o mesmo valor, tinha direito a essa prerrogativa.

BENEFÍCIOS ADICIONAIS

Há alguns aspectos que valem a pena serem notados aqui: Embora aqueles que trabalharam apenas uma hora tenham recebido o mesmo salário, os que trabalharam 12 horas passaram 12 vezes mais tempo com o proprietário em relação aos que trabalharam por uma hora. É verdade que todos receberam o mesmo pagamento, mas aquele que trabalhou apenas por uma hora perdeu a oportunidade de estar por 12 horas com seu senhor. Não importa quantas horas trabalhariam para o proprietário no futuro, nunca mais poderiam recuperar aquelas doze horas.

Imaginemos a conversa de cada grupo – os que trabalharam doze horas:

-- Não trabalharei aqui amanhã.

-- Sim, quem ele pensa que é, tratando-nos injustamente em relação aos que trabalharam apenas por uma hora?

-- Se devo trabalhar doze vezes mais, espero ser pago na mesma proporção.

-- Você atingiu o ponto certo!

Entrementes aqueles que trabalharam apenas uma hora estão conversando entre si:

-- Você recebeu o mesmo pagamento do que eu? Não consigo acreditar de o quão bondoso ele é.

-- Eu também. Mal posso esperar para voltar a trabalhar para ele amanhã.

-- Digo o mesmo. Na verdade, irei contar a todos a meus amigos a respeito do que aconteceu; talvez também queiram trabalhar para ele.

OS DIAS DE NOSSA VIDA

Encaremos os fatos: a maioria de nós tem um tipo de amor/ódio pelo trabalho. Gastamos quase um terço de nossa vida adulta cuidando de nossa subsistência. Há aspectos de nosso trabalho que odiamos, outros que toleramos e, idealmente, aqueles que apreciamos realizar – aquilo que fazemos bem.

Seria maravilhoso receber salário *sem* trabalhar. Mas sendo honestos, você não percebe que se for deixado a fazer o que quiser, preferirá estar ativo a inativo? Mesmo nas férias, raramente passamos os dias sem fazer nada. Deus nos criou para sermos ativos. Portanto, sempre há algo para fazer, mesmo se – especialmente se – houver algo para o qual não temos tempo enquanto estamos trabalhando.

Aquilo que traz satisfação e realização a nossa vida profissional é isto: além de prover a nossa subsistência, o sustento da família e a garantia de não sermos despedidos, nosso trabalho é uma forma de honrar a Deus e refletir um pouco de Seu caráter às pessoas que nos cercam.

Acima de tudo, Deus é um Deus ativo e trabalhador. Ele ideou um cosmos ordenado e auto-sustentável e construiu-o a partir de um projeto. Na Bíblia toda, lemos a respeito de Suas “obras”, como proveu a humanidade com bênçãos espirituais e materiais de forma criativa e ininterrupta. Falamos a respeito de como Ele concluirá Sua obra em justiça. Quando seriamente assumimos a responsabilidade que Ele nos confiou, refletimos a glória dAquele que nos equipou para ser uma bênção às pessoas com quem e por quem trabalhamos.

Aprecio a paráfrase de Eugene Peterson em Efésios 6:5-8: “Servos, obedecem respeitosamente a seus senhores, mas sempre com um olho obedecendo ao *verdadeiro* mestre, Cristo. Não façam simplesmente o que têm a fazer para sobreviver, mas trabalhem de todo coração, como servos de Cristo, fazendo o que Deus deseja que vocês façam. E trabalhem com um sorriso no rosto, sempre tendo em mente que não importa quem esteja dando as ordens, vocês realmente servem a Deus. O trabalho bem feito irá render-lhes um bom salário do Mestre, independentemente de vocês serem escravos ou livres” (*The Message*).

NÃO SE TRATA APENAS DE UM TRABALHO, MAS DE UM CHAMADO

Quando conhecemos alguém no ambiente social, uma das primeiras perguntas que fazemos é: “Em que área você trabalha?” Outra forma de dizer é: “Qual é a sua vocação?” A palavra “vocação”, significa literalmente “chamado”. O que estamos dizendo é: “Qual é o seu chamado?”.

Normalmente pensamos no chamado como algo relacionado a um tipo de ministério, tal como pastor, médico, professor, enfermeiro ou evangelista. Mas, na verdade, Deus chama e equipa a todos nós de forma que ao qualificar nosso trabalho e vocação, Ele é honrado e nós refletimos o Seu caráter.

Por essa definição de “chamado” não há distinção entre um pastor e o que afina o piano, entre o dentista e o nutricionista, entre o acionista e o motorista, o missionário e o mecânico. Quando estamos realizando o

nosso trabalho, obedecendo (servindo) nossos senhores (chefes, clientes), estamos envolvidos nos atos de lealdade e culto a cada dia sem cessar.

Esse é um dos destaques da parábola dos trabalhadores na vinha: enquanto alguns declaradamente se importam mais com receber o salário do que em servir o proprietário, outros são cativados pela sua generosidade e mal podem esperar para trabalhar novamente para ele. Você consegue imaginar aqueles que trabalharam por uma hora dizerem: “Amanhã, ficarei à toa até a décima primeira hora, então trabalharei por uma hora e receberei o salário de um dia de trabalho”? Isso demonstraria que eles não compreenderam o proprietário.

PARA A GLÓRIA DE DEUS

Johann Sebastian Bach (1685-1750) compôs a maioria de suas músicas para o ambiente de culto. No início de cada uma de suas transcrições musicais ele escrevia as iniciais JJ – em latim *Jesu, juve* (Jesus, ajuda-me). No final de cada peça, registrava as iniciais SGD, *Solo gloria Deo* (Apenas para a glória de Deus). Essas iniciais, no início e final de cada peça, indicavam a dependência de Bach em Deus durante o processo criativo que resultou em algumas das mais significativas e inspiradoras músicas na história da civilização.

*“E trabalhem com um sorriso em seu rosto,
sempre tendo em mente que não importa
quem esteja dando as ordens, vocês*

www.4tons.com.br
Pr. Marcelo Augusto de Carvalho

realmente servem a Deus.”

O que aconteceria se no início de cada dia fizéssemos um pacto com Cristo, pedindo-Lhe para nos acompanhar em nosso trabalho, diário, confiando em Sua direção para resolver os problemas e vencer os desafios relacionados com o ambiente de trabalho?

E o que aconteceria se, no final de cada dia, pudéssemos dizer: “Tudo o de bom que fiz hoje, desejo que seja para a glória de Deus”?

Deus nos concedeu um dom inestimável ao nos chamar e equipar para prover serviço útil a nossas igrejas e comunidades, de acordo com nossas vocações. Não apenas recebemos salário para realizarmos as tarefas para as quais somos dotados, recebemos também um grande benefício – no escritório, no campo, no púlpito, na linha industrial, na sala de aula, na sala de cirurgia, no laboratório – de estarmos ombro a ombro com Cristo.

[Extraído de *Dynamic Steward*, outubro-dezembro de 2002, págs. 6-7.]

7

INTERRUPÇÕES: ESTORVO OU OPORTUNIDADE?

TOPO

Ken W. Smith

*Presidente e Fundador dos
Ministérios da Mordomia Cristã*

Contate-o: www.csmin.org

Texto Bíblico: Provérbio 3:5, 6

No trabalho ou no lar: como tirar proveito das interrupções!

Alguma vez você se irritou por ser interrompido? Eu sim! As interrupções podem ser um dos aborrecimentos mais indesejáveis, mas podem também ser a forma de Deus chamar a nossa atenção e redirecionar nossos passos de acordo com Seus propósitos. Cada um de nós é interrompido muitas vezes a cada dia. E, algumas vezes, somos os que interrompem. Claramente há ocasiões quando necessitamos evitar as

**www.4tons.com.br
Pr. Marcelo Augusto de Carvalho**

distrações. Em outras, necessitamos estar abertos à direção do Espírito Santo. Mas como saber a diferença?

EVITE AS INTERRUPTÕES DESNECESSÁRIAS

O tempo para a família deve ser sagrado. Nossa família adotou o jantar em família e simplesmente se recusava atender ao telefone entre as 18h30 e 19h, a cada noite. Isso foi antes das secretárias eletrônicas. Mas nunca perdemos uma chamada importante. E colocamos elevado valor em passar tempo com qualidade juntos em família.

Talvez você necessite blocos semelhantes de tempo no trabalho ou em casa. O telefone com o dispositivo de secretária eletrônica pode ajudar nesse caso. Ou, se você deve atender, seja breve e diga a seu interlocutor que não pode falar agora, mas que retornará a chamada no horário por vocês combinado.

Não explique porque não pode falar no momento. O interlocutor poderá convencer-se de que sua mensagem merece resposta imediata e pode não apreciar suas prioridades. Você não deseja ofender a pessoa. Simplesmente diga que retornará a chamada. Deus tem o melhor tempo para tudo, e você está apenas tentando ser obediente ao marcar quando lidará com a interrupção. Você sempre tem o direito de falar com quem quer que seja a qualquer momento. Mas muitos de nós necessitam estabelecer a disciplina de não falar simplesmente porque se apresenta a oportunidade.

O e-mail pode realmente ajudar nessa situação. Também, permitir-lhe que evite interromper alguém. É fantástico para alcançar muitas pessoas ao mesmo tempo, sem interromper nenhuma delas! Se você tiver essa ferramenta, pode prover informação e solicitar resposta – normalmente em menos tempo do que numa chamada telefônica – e o seu destinatário pode responder quando tiver condições.

RESPONDA ÀS OPORTUNIDADES TELEFÔNICAS

Você preferiria cavar buracos ou limpar banheiros a trabalhar em *marketing* telefônico. A maioria de nós pensa assim, e detestamos estar do outro lado da linha e receber aquelas chamadas telefônicas com o objetivo de vendas quase na mesma proporção que detestaríamos fazê-las.

Tentei todas as abordagens para lidar com essas chamadas indesejáveis. Fui rude. Fiquei em silêncio. Larguei o telefone e me retirei. Desliguei-o. Reclamei na companhia telefônica. Nada funcionou.

Então Deus me deu a resposta. Agora espero ansioso receber essas chamadas. Quando ocorrem, pergunto se a pessoa estaria disposta a me ouvir após ou tê-la ouvido. Elas sempre concordam.

Quando terminamos de tratar o que elas desejam apresentar, lembro-as de seu compromisso de me ouvirem. Então lhes pergunto se conhecem a Jesus Cristo como seu Salvador pessoal. Quando a resposta é “não”, apresento-lhes o evangelho. Caso residam na área, convido-as

para irem comigo e minha esposa à igreja. Dou-lhes meu testemunho. Ofereço-me para lhes enviar uma Bíblia se me fornecerem seu endereço. Fiquei realmente emocionado certa manhã quando uma senhora, funcionária de um banco no Alabama, entregou sua vida a Cristo. Sei apenas seu primeiro nome, mas ainda oro por ela.

LIDE COM OS VISITANTES INESPERADOS

O mesmo princípio relacionado às interrupções se aplica aos que batem à sua porta. Se o seu programa é fazer a limpeza da casa e uma vizinha aparece inesperadamente, conte-lhe de seu planejamento e se ofereça para estarem juntas em alguma outra hora. Faça com que sua vizinha saiba que é importante ao reservar-lhe tempo. Você também terá a vantagem de pensar como desejará passar esse tempo juntas. Talvez tenha a oportunidade de orar com ela e de lhe falar do Senhor.

Caso você tenha uma sala no escritório, feche a porta. Você pode até mesmo afixar uma nota dizendo: “Por favor, não interrompa até às 10h”. Se alguém bater à porta, não responda. Até os visitantes mais determinados irão desistir. Caso não tenha uma sala fechada, uma divisória ao redor de sua área de trabalho irá ajudar. Deixe sua Bíblia e um lugar visível. A maioria dos visitantes não irá interrompê-lo se pensarem que você está passando tempo com Deus.

Caso o visitante persista, levante-se e dirija-se a ele o mais prontamente possível. Seja amável e responda educadamente, mas de forma breve. Se ainda permanecer na sua área de trabalho, deixe o local e vá

para uma área neutra como o bebedouro ou a fotocopiadora. Permita que o visitante o acompanhe.

No caso de seu ambiente de trabalho ser barulhento ou não ter privacidade, você pode encontrar um outro local onde não será interrompido. Talvez seu chefe possa ajudá-lo.

EVITE AS DISTRAÇÕES

Muitas vezes somos interrompidos porque apreciamos as distrações. O primeiro passo para evitá-las é decidir, antecipadamente, que não irá buscar nenhuma, e caso surja alguma, irá resistir a ela.

Muitas pessoas não têm um foco. Não desejam as distrações, mas parecem não se concentrarem naquilo que deveriam estar fazendo e simplesmente se envolvem com outras questões. Pode ser apenas falta de disciplina. As seguintes sugestões podem ajudar:

- Tente trabalhar em um ambiente livre de distrações. Evite rádio, televisão, estéreos.
- Resista ao desejo de conversar com outras pessoas.
- Organize sua mesa ou área de trabalho e mantenha-a arrumada.
- Estabeleça um plano escrito para o uso do tempo. Paute-se por ele.
- Utilize uma régua para ajudá-lo a ler.

- Planeje intervalos periódicos para levantar-se e caminhar, mas retorne imediatamente no tempo estabelecido.
- Durma horas suficientes à noite.
- Estabeleça o hábito de fazer as mesmas atividades no mesmo horário, a cada dia.
- Avalie o seu tempo e como você o emprega.
- Utilize um cronômetro para interromper seu trabalho em segmentos de quinze a trinta minutos.

Na maioria das vezes, a forma de Deus nos dar a conhecer a diferença entre o Seu plano e o nosso, é por meio das interrupções!

CONVIVA COM AS INTERRUPÇÕES

Naturalmente, há ocasiões quando as interrupções exigem atenção imediata – quando o bebê chora, quando a sirene grita atrás de você, ou quando o cachorro late à noite indicando que algo está errado. Não creio que Deus deseja que nos preocupemos com essas interrupções, que estão além de nosso controle. Planeje o seu dia da melhor forma possível, mas não espere que tudo saia exatamente da forma planejada. Na maioria das vezes, a forma de Deus nos dar a conhecer a diferença entre o Seu plano e o nosso, é por meio das interrupções!

Ao crescermos no conhecimento e na graça, aprendemos como fazer distinção entre as interrupções que devemos resistir, mediante a von-

tade de Deus, e aquelas que refletem Seu verdadeiro plano para nós. Isso é chamado de discernimento e todos devemos desenvolvê-lo, pois apenas pode ocorrer quando se passa tempo regular e com qualidade com Ele.

[Extraído de *Dynamic Steward*, outubro-dezembro de 2002.]

8

PARA QUEM VOCÊ TRABALHA?

TOPO

Howard Dayton, CEO

Crown Ministries

Howard Dayton é co-fundador e

*Da Crown Financial Ministries, cuja Sede
está localizada em Gainsvile, Geórgia.*

*A visão bíblica da obra oferece oportunidade
para o crescimento pessoal e para o evangelismo.*

Texto Bíblico: Colossenses 3:23.

Durante uma carreira de cinqüenta anos, em média, a pessoa passa 100.000 horas trabalhando. Infelizmente, muitas pessoas simplesmente

**www.4tons.com.br
Pr. Marcelo Augusto de Carvalho**

toleram seu trabalho. Isso devido a uma visão mundial do trabalho que as mantém focalizadas no fato de que vinte e cinco por cento de sua vida é devotada a um emprego que não traz satisfação.

Mesmo antes de o pecado entrar no mundo, Deus instituiu o trabalho. Gênesis 2:15 diz: “Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar”. O primeiro que Deus fez com Adão foi atribuir-lhe um trabalho. Apesar do que muitos pensam, o trabalho foi iniciado para nosso benefício no ambiente sem pecado do Jardim do Éden. Depois da queda, o trabalho passou a ser feito com dificuldades. Gênesis 3:17-19, diz: “...maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão”.

O trabalho é tão importante que em Êxodo 34:21, Deus dá a seguinte ordem: “Seis dias trabalharás, mas, ao sétimo dia, descansarás”. Os filhos de Deus, no Antigo Testamento, tinham de trabalhar seis dias. No Novo Testamento, Paulo foi direto quando escreveu aos tessalonicenses: “...se alguém não quer trabalhar, também não coma” – II Tessalonicenses 3:10.

O TRABALHO ENOBRECE

O objetivo primordial do trabalho é desenvolver o caráter. Por exemplo, enquanto o pedreiro está construindo a casa, esta também o está edificando. Sua habilidade, diligência, destreza manual e julgamento são

refinados. O emprego não é meramente uma tarefa designada para ganhar dinheiro; destina-se também a produzir o caráter divino na vida do trabalhador.

A Escritura revela que de fato já estamos servindo ao Senhor em nosso trabalho. Colossenses 3:23, 24 apresenta: “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens. ... A Cristo, o Senhor, é que estais servindo”. Essa perspectiva tem implicações profundas. Considere sua atitude para com o trabalho. Se você pudesse ver Jesus Cristo como seu chefe, buscaria ser mais fiel em seu emprego? A pergunta mais importante que você necessita responder a cada dia é: “Para quem eu trabalho?” Você trabalha para Cristo.

O Senhor deseja que sejamos diligentes no trabalho. “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças” (Eclesiastes 9:10). E Provérbios 12:27, diz: “...o bem precioso do homem é ser ele diligente”. A Escritura encoraja o trabalho árduo e diligente, enquanto enfaticamente condena a preguiça. “Quem é negligente na sua obra já é irmão do desperdiçador” (Provérbios 18:9).

Porém, não trabalhe em excesso! O trabalho árduo tem atingido proporções epidêmicas. Nossa cultura está permeada pelo trabalho frenético, sem trégua e com total comprometimento. O trabalho árduo deve ser equilibrado com as prioridades de nosso relacionamento com o Senhor e nossa família.

Caso o seu trabalho exija muito de seu tempo e energia levando-o a negligenciar seu relacionamento com Cristo ou com sua família, então você está trabalhando em demasia; talvez seu trabalho seja muito pesado ou seus hábitos profissionais necessitam de mudança. Êxodo 34:21 diz: “Seis dias trabalharás, mas, ao sétimo dia, descansarás, quer na aradura, quer na sega”. O descanso pode se tornar uma questão de fé. O Senhor tem a possibilidade de tornar nossos seis dias de trabalho mais produtivos do que sete dias? Sim! O Senhor instituiu o repouso semanal para nossa saúde física, mental e espiritual.

RESPONSABILIDADE 1: HONESTIDADE

Várias responsabilidades do trabalho foram modeladas por Daniel. Lemos em Daniel 6:4: “mas não puderam achá-la”, ou seja, qualquer evidência de corrupção no trabalho de Daniel. Ele era absolutamente honesto e também o devemos ser.

RESPONSABILIDADE 2: FIDELIDADE

A segunda responsabilidade é a fidelidade. O mesmo capítulo e verso o descreve como “fiel”. O trabalhador piedoso necessita estabelecer o alvo de ser fiel e excelente em seu trabalho. Então necessita trabalhar arduamente para alcançá-lo.

RESPONSABILIDADE 3: ORAÇÃO

Em terceiro lugar, o trabalhador piedoso é uma pessoa de oração. Daniel 6:10 diz: “Daniel ... três vezes por dia, se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus, como costumava fazer”.

Daniel governava a nação mais poderosa de seus dias. Poucos alguma vez enfrentarão a magnitude de suas responsabilidades e as demandas de tempo que lhe devem ter sido requeridas. No entanto, Daniel conhecia a importância e a prioridade da oração. Se você não orar constantemente, seu trabalho irá padecer.

RESPONSABILIDADE 4: HONRA

Quarto, o trabalhador piedoso honra a seus superiores. I Pedro 2:18 diz: “Servos, sede submissos, com todo o temor ao vosso senhor [empregador], não somente se for bom e cordato, mas também ao perverso”. Uma forma de honrar nosso empregador é nunca participar de maldições ditas contra ele pelas costas – ainda que ele não seja uma pessoa ideal.

RESPONSABILIDADE 5: PARTILHE SUA FÉ

A última responsabilidade do trabalhador piedoso é partilhar sua fé. No devido tempo, Daniel falou de sua fé em Deus aos que o rodeavam. Ouça o que o rei Dario disse em Daniel 6:20: “Daniel, servo do Deus vivo! Dar-se-ia o caso que o teu Deus, a quem tu continuamente serves, tenha podido livrar-te dos leões?”

O rei Dario nunca teria conhecido o verdadeiro Deus se Daniel não tivesse falado de sua fé nos momentos apropriados. A profissão de fé de Daniel em Deus não teria influenciado poderosamente o rei Dario se este não tivesse observado como Daniel realizava o seu trabalho. Daniel cumpriu suas responsabilidades com honestidade e fidelidade, enquanto honrava aqueles que o cercavam.

Daniel influenciou seu empregador – uma das pessoas mais poderosas do mundo – levando-o a crer apenas no Deus verdadeiro. Você tem a mesma oportunidade em sua esfera de ação concedida por Deus. Permita-me dizer de outra forma. Um trabalho bem feito dá-lhe o direito de dizer aos outros que você trabalha mediante a realidade de Cristo. Ao considerarmos nosso trabalho sob a perspectiva de Deus, aumenta o nosso potencial para ganhar mais; a insatisfação se transforma em contentamento na realização do trabalho bem feito, e o enfado é substituído pela grande alegria de apresentar interessados ao Salvador.

Se você pudesse ver Jesus Cristo como seu chefe, buscaria ser mais fiel em seu emprego? A pergunta mais importante que você necessita responder a cada dia é: “Para quem eu trabalho?” Você trabalha para Cristo.

[Extraído de *Dynamic Steward*, outubro-dezembro de 2002, págs. 10-11.]

9

RESOLUÇÃO DE CONFLITO

TOPO

Steve Marr. *Presidente da
Busines Proverbs Management –
uma companhia que provê consultoria
bíblica a ministros e empresários.*

*Para conhecer melhor, visite o website
www.businessproverbs.org.*

*Com muita freqüência, mesmo na igreja,
os conflitos não resolvidos criam
tensão no local de trabalho.*

Texto Bíblico: Mateus 18:15, 16

Antônio era pastor conselheiro em um subúrbio em expansão. Visto desejar proteger a privacidade e caráter confidencial das pessoas na congregação que o procuravam em busca de aconselhamento matrimonial e outros, freqüentemente marcava a entrevista em um local fora da

**www.4tons.com.br
Pr. Marcelo Augusto de Carvalho**

igreja. Muitas vezes, essas entrevistas se prolongavam por horas, durante as quais ausentava-se do escritório. Infelizmente, o Antônio também lutava com a administração pessoal de seu tempo e vez por outra se atrasava para alguns compromissos e dava a impressão de ser desorganizado.

Depois de um tempo, o pastor administrativo e a secretária da igreja, que normalmente tinham de “cobrir” a ausência do pastor, ficaram zangados. Embora ambos concordassem que algo deveria ser feito, nenhum deles estava disposto a confrontá-lo quanto às suas ausências e outros problemas.

Decorrido um ano, finalmente, o pastor principal, começou a investigar o número crescente de reclamações. Quando o Antônio defendeu seus hábitos como parte de seu trabalho e parecia indisposto a mudar, a situação prontamente esquentou. Por fim, a única solução factível foi despedir o Antônio.

Com muita frequência, mesmo na igreja, os conflitos não resolvidos criam tensão no local de trabalho. As questões deveriam ser tratadas entre indivíduos antes de serem levadas ao pessoal da equipe ou à igreja como um todo. Quando as partes principais não enfrentam as questões e resolvem a situação, o pastor principal ou a comissão da igreja têm de se envolver. No final, o conflito não resolvido afeta a todos – pastores e o pessoal, como também os membros.

Lidar com uma situação semelhante à do Antônio nunca é fácil. As confrontações no trabalho raramente são fáceis. Contudo, se tivesse sido seguido o padrão bíblico para a resolução do conflito, a igreja não enfrentaria situações tão drásticas e o pastor conselheiro teria permanecido como membro produtivo da equipe.

São inevitáveis os conflitos na organização. Cada um tem a sua forma de ver os eventos e as pessoas que compõem o staff. Essas perspectivas diferentes nem sempre se entrosam. A despeito das divergências, a chave para o crescimento e o progresso é assegurar que qualquer que seja o conflito, ele é resolvido de forma positiva. O processo é tão importante quanto o resultado. Mesmo quando a solução final não é agradável, o processo da resolução do conflito pode ser experiência positiva.

Três princípios bíblicos regem o processo da resolução do conflito. A implementação desses princípios pode evitar divisões potenciais e a propagação do conflito na congregação.

PRINCÍPIO 1: LIDE COM O CONFLITO IMEDIATAMENTE

Jesus foi muitas vezes atacado pelos fariseus. Em cada uma, Sua estratégia era confrontar imediatamente a questão. Ele nunca deixou nada escapar simplesmente com o propósito de “manter a paz”. Com sabedoria e invejável precisão, enfrentou toda confrontação surgida.

Enquanto o incidente está fresco na memória – aja imediatamente – porque o tempo tem uma forma de reescrever os “fatos”. Quando guardamos uma ofensa ou demoramos em confrontar uma injustiça, nossa mente se apega à frustração até que a situação fica distorcida. Se deixamos de agir imediatamente quando fomos injustiçados, damos a nossa ira oportunidade de expandir e aumentar a possibilidade de que agiremos inapropriadamente quando por fim formos confrontar a situação. Mais importante, quando deixamos de agir prontamente, perdemos a oportunidade de melhorar imediatamente as circunstâncias. Caso o pastor administrativo ou a secretária tivessem agido no ato para resolver o conflito, os desentendimentos poderiam ter sido minorados e os problemas com os horários poderiam haver melhorado sensivelmente.

PRINCÍPIO 2: LIDE DIRETAMENTE COM A PESSOAL QUE O OFENDEU

Se Jesus nos diz: “Se teu irmão pecar contra ti, vai argüi-lo entre ti e ele só” (Mateus 18:15). Devemos desenvolver o hábito de procurarmos a pessoa com quem agimos erramos ou que tenha errado conosco. *Quem mais poderia mudar imediatamente a situação?*

Explique sua perspectiva da questão de forma clara e com calma. Atenha-se aos fatos e explique as circunstâncias que causaram o problema. Sugira uma solução. Seja positivo e focalize a conversa nas soluções em vez de atacar a pessoa ou o problema. Evite dizer como você se sente e como foi pessoalmente afetado, ou você e a outra parte podem facilmente tender para o conflito pessoal.

Se você não tiver sucesso ao tentar resolver o conflito, continue seguindo o modelo apresentado na Escritura e tome “ainda contigo uma ou duas pessoas” (verso 16). Converse com os pastores associados ou membros do staff e solicite uma reunião para discutir abertamente a questão. Lembre-se, o único que pode efetivamente mudar o comportamento da pessoa é ela própria. O propósito de trazer outras pessoas para tomarem parte na discussão é estabelecer os fatos do caso e dar uma perspectiva equilibrada, e não exercer pressão adicional. Não caia na tentação de discutir a questão com outras pessoas simplesmente para dar-lhes a conhecer a situação – isso é mexerico e apenas agrava o problema.

PRINCÍPIO 3: LIDE TOTALMENTE COM A QUESTÃO

Não deixe a questão ficar mal compreendida. Assegure-se de que seja compreendida por todos os envolvidos. Peça a alguém para mencionar ele vê os fatos. Quando for escolhida uma solução, pergunte a cada indivíduo para esclarecerem como a compreenderam. Peça a todos para falarem se concordam ou não com os passos tomados. Estabeleça, então, um tempo para que esses passos sejam concluídos.

Se ações futuras devem ser diferentes para evitar problemas, confirme claramente quais serão essas mudanças. É uma boa idéia documentar a conversa em um memorando para evitar mal-entendidos futuros. Uma reunião excelente é muitas vezes anulada por se deixar de seguir o que foi acordado.

Quando você está determinado a lidar completamente com um desafio de forma a não surgir novamente, uma questão mais profunda pode emergir. É apenas quando a questão *verdadeira* é tratada que o conflito pode ser plenamente resolvido; portanto, esteja atento à possibilidade de questões mais profundas.

O desejo do Antônio de proteger as pessoas a quem aconselhava era admirável, mas sua metodologia não. Estabelecer limites o quanto antes quanto à confrontação apropriada pode evitar que o problema se arraste por todo um ano.

A igreja nunca será um lugar perfeito visto que estão envolvidas pessoas imperfeitas. Porém, seus esforços para resolver o conflito no trabalho podem torná-lo um lugar melhor para todos. Da próxima vez que surgirem questões difíceis, lembre-se: enfrente a questão imediatamente; converse apenas com a pessoa diretamente envolvida; e assegure-se de que a situação seja completamente resolvida. Então, recoste-se e contemple o crescimento da igreja.

Se tivesse sido seguido o padrão bíblico para a resolução do conflito, a igreja não enfrentaria situações tão drásticas e o pastor conselheiro teria permanecido como membro produtivo da equipe.

[Extraído de *Dynamic Steward*, outubro-dezembro, 2002, págs. 12-13.]

TOPO